

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Janaina Fernandes Sebastião

**DO MORRO DE SANTA TEREZA À PRAIA DE BOTAFOGO:
A ASCENSÃO SOCIAL DO CASAL PALHA VIA EXPLORAÇÃO DE RUBIÃO.**

Porto Alegre

2010

Janaina Fernandes Sebastião

**DO MORRO DE SANTA TEREZA À PRAIA DE BOTAFOGO:
A ASCENSÃO SOCIAL DO CASAL PALHA VIA EXPLORAÇÃO DE RUBIÃO.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à UFRGS como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Letras

Orientador: Prof. Dr. Homero José Vizeu
Araújo

Porto Alegre
2010

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Numa sociedade em que o que vale é a posição social, Palha e Sofia conseguem chegar ao grau mais elevado dessa escala. O objetivo é mostrar quais as estratégias utilizadas por eles para conseguirem isso. Para tanto, através da seleção de alguns momentos da narrativa, é feita uma explanação sobre a vida social do casal em cada uma de suas residências: seus amigos e seu comportamento em sociedade e em relação a Rubião. Dessa forma, é possível perceber o jogo realizado pelo casal para seduzir Rubião, na figura de Sofia, e extirpar seu patrimônio; também a adequação do casal ao comportamento exigido por cada nível social. Assim, conforme os endereços vão mudando, novas e influentes amizades vão surgindo e as antigas vão sendo descartadas. A conclusão obtida é a de que Palha e Sofia não teriam conseguido realizar esse intento se não tivessem se aproveitado da ingenuidade de Rubião.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Quincas Borba*. Sociedade das aparências. Casal Palha. Auge social.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 PRIMEIRO ENDEREÇO: SANTA TEREZA.....	7
3 SEGUNDO ENDEREÇO: FLAMENGO	15
4 TERCEIRO ENDEREÇO: BOTAFOGO	28
5 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende trazer uma contribuição à Literatura Brasileira ao fazer um estudo sobre o livro *Quincas Borba*, de Machado de Assis, pois muitas vezes ele não é visto com a mesma importância dada a outros de seus livros, como comenta Fischer:

Para os que começam a conhecer a extraordinária obra de Machado de Assis, os romances mais importantes parecem ser *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1900). O romance *Quincas Borba* (1891) figura num modesto segundo plano, como que à sombra dos dois mais famosos, junto com *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), senão junto com o restante da obra, encoberto por um ‘etc’ irremediável. É uma injustiça. De fato, a história de Rubião merece figurar entre as mais interessantes criações do gênio da literatura de língua portuguesa que foi Machado de Assis. (FISCHER, f. 1).

Todos esses livros citados por Fischer pertencem à segunda fase de Machado de Assis, mas *Quincas Borba* tem uma grande diferença em relação aos demais: é o único narrado em terceira pessoa por um narrador que não participa da história, pois como observa Fischer (f. 1), há outro narrado em terceira pessoa, mas por um personagem: “Em *Esau e Jacó*, se trata de uma história contada pelo mesmo Conselheiro Aires do último romance, que comparece ali como personagem, mas o enunciado do relato aparece em terceira pessoa [...]”.

Vianna, Araújo e Fischer apontam o narrador de *Quincas Borba* como sendo o próprio Machado de Assis: “[...] um narrador em terceira pessoa, que se identifica como o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* [...]” (VIANNA, 2009, p. 303); “[...] Machado de Assis, autor que se confunde ao narrador [...]” (ARAÚJO, f. 5); “[...] esta voz narrativa se identifica claramente como o autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, isto é, o próprio Machado de Assis, como aparece na abertura do capítulo 4. [...]” (FISCHER, f. 2). A abertura do citado capítulo 4 é a seguinte: “Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia.” (ASSIS, 2009, p. 53).

Essa diferenciação traz a seguinte questão, por que Rubião não tem voz na narrativa? Segundo Araújo (f. 5), é porque ele não pertence à elite, como Brás Cubas, Bento Santiago e o Conselheiro Aires: “[...] estes narradores, que são também protagonistas machadianos típicos, são respeitáveis representantes da elite brasileira, e Rubião não é um burguês escravocrata de nascença, ele é um homem livre [...]”. Ainda segundo Araújo, o típico narrador em primeira

peessoa de Machado é auto-irônico e mais ou menos auto-acusatório, o que não é permitido a Rubião:

Brás Cubas teoriza e faz piada com seus delírios compensatórios ou suas ilusões de auto-engano, enquanto as digressões do narrador de *Quincas Borba*, também denunciando e ironizando a imaginação compensatória e o auto-engano do parvo Rubião, não permitem a auto-ironia, incidindo na caracterização satírica irremediável não só de Rubião, mas principalmente dos interesseiros que o circundam. (ARAÚJO, f. 5).

Por falar nos interesseiros que o circundam, em *Quincas Borba*, Machado de Assis retrata o comportamento da sociedade carioca da época, que valoriza a posição social e se preocupa em ostentar luxo e riqueza, como ressalta Candido:

Pela sua obra toda há um senso profundo, nada documentário, do *status*, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro. O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens, aparecendo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, avultando em *Esau e Jacó*, predominando em *Quincas Borba*, sempre transformado em modos de ser e de fazer. (CANDIDO, 1995, p. 37, grifo do autor).

Portanto, para os que não nasceram em situação privilegiada, ou seja, em uma classe de prestígio, o importante é chegar ao topo da pirâmide, fazendo o que for necessário para atingir esse objetivo. De acordo com Gledson (1986, p. 110), o interesse de Machado era, dessa forma, revelar a sociedade da época: “[...] vale a pena repetir o argumento central desse livro – que os objetivos de Machado eram e permaneceram sempre realistas, num sentido ambicioso: ele queria retratar, em seus romances, a verdadeira natureza de toda uma sociedade.”

No livro, essa situação de mudança de uma classe social mais baixa a outra mais alta é representada pelo casal Palha, que se utiliza da fortuna de Rubião – um professor interiorano ingênuo, recém chegado à Corte e não acostumado ao jogo social: “Um jogo cujas regras ele sequer intui, e menos ainda domina.” (ARAÚJO, f. 6) – para realizar essa escalada, como diz Gledson:

O mais significativo, agora, é a possibilidade de passagem de uma classe para outra; a principal escada utilizada com esse objetivo são os negócios, e Cristiano Palha, ex-seminarista, junto com sua esposa Sofia, filha de um funcionário público, são mostrados com cuidadosos detalhes, em sua suave e cínica ascensão através dos escalões sociais. (GLEDSON, 1986, p. 58).

A partir dessas observações, trago a análise que será feita neste trabalho: partindo do pressuposto de que Palha e Sofia só conseguiram chegar ao topo da pirâmide explorando Rubião, que era ingênuo demais para perceber isso, pretendo mostrar de que forma Rubião foi enganado pelo casal Palha e como foi essa subida pelos degraus da escala social. Para isso, através da seleção de alguns momentos da narrativa, mostrarei como era a vida social do casal em cada um de seus endereços: seu círculo de amigos e seu comportamento perante a sociedade e, em especial, perante Rubião. Penso que esta seja uma maneira clara de expor as atitudes de Palha e Sofia em uma sociedade que se preocupa apenas com as aparências.

2 PRIMEIRO ENDEREÇO: SANTA TEREZA

No início da escalada, Palha e Sofia moram em Santa Tereza e conhecem Rubião por acaso, num trem, quando este está vindo para o Rio de Janeiro para cuidar do inventário. Palha, com sua perspicácia de homem de negócios, vê em Rubião uma possível vítima: “Depois que o trem continuou a andar, foi que o Palha reparou na pessoa do Rubião, cujo rosto, entre tanta gente carrancuda ou aborrecida, era o único plácido e satisfeito.” (ASSIS, 2009, p. 73). Então ele inicia uma conversa com Rubião, que comenta que talvez vá à Europa; nesse momento, Palha percebe que não estava enganado: “Os olhos do Palha brilharam instantaneamente.” (ASSIS, 2009, p. 74). Rubião, ingênuo que era, acaba por contar o motivo que o trazia à corte, é quando Palha visualiza a possibilidade que tem a sua frente: “Já os olhos deste não brilhavam, refletiam profundamente.” (ASSIS, 2009, p. 76). Após a chegada, despedem-se, e Palha inicia o seu plano de ascensão social, convidando Rubião a ir a sua casa em Santa Tereza.

Na primeira vez que vai à casa do casal, Rubião já começa a ser seduzido pela dona da casa, mas ao que parece, esta o faz sem perceber, sem segundas intenções, ele é que não consegue deixar de perceber tamanha beleza:

Foi jantar. Abençoada resolução! Onde acharia iguais horas? Sofia era, em casa, muito melhor que no trem de ferro. Lá vestia a capa, embora tivesse os olhos descobertos; cá trazia à vista os olhos e o corpo, elegantemente apertado em um vestido de cambraia, mostrando as mãos, que eram bonitas, e um princípio de braço. Demais, aqui era a dona da casa, falava mais, desfazia-se em obséquios; Rubião desceu meio tonto. (ASSIS, 2009, p. 77).

Depois disso, Rubião passa a visitar a residência do casal com certa frequência, até que sai o inventário, muito comemorado por Palha: “Palha festejou o acontecimento com um jantar em que tomaram parte, além dos três, o advogado, o procurador e o escrivão.” (ASSIS, 2009, p. 77). Então Rubião se muda para Botafogo e tem auxílio do casal para mobiliar a casa, sendo que ele aproveita cada momento que tem junto de Sofia, e esta se mostra desinteressadamente atenciosa.

Em uma manhã de domingo, Rubião está em casa, almoçando com dois amigos, e recebe uma cesta de morangos com o seguinte bilhete: “Mando-lhe estas frutinhas para o almoço, se chegarem a tempo; e, por ordem do Cristiano, fica intimado a vir jantar conosco, hoje, sem falta. Sua verdadeira amiga, Sofia.” (ASSIS, 2009, p. 85). O que é, aparentemente,

um simples bilhete, faz com que Rubião fique vendo um convite ao adultério por parte de Sofia.

Naquela tarde, ao chegar à casa da amada, crente que terá um encontro mais íntimo com Sofia, Rubião é surpreendido com convidadas da dona da casa, que o esperam para conhecê-lo: “Três delas eram casadas, uma solteira, ou mais que solteira. Contava trinta e nove anos, e uns olhos pretos, cansados de esperar. Era filha de um major Siqueira, que daí a alguns minutos apareceu no jardim.” (ASSIS, 2009, p. 87). Então ficamos sabendo que está acontecendo uma festa na casa, e conhecemos alguns dos convidados: além de três casais, estão lá o major Siqueira e sua filha, Dona Tonica.

Rubião conhece o Major logo na chegada, e este começa a contar uma história que não acaba mais, até que Rubião é salvo pelo dono da casa, que vem recebê-lo. Então o narrador nos mostra um pouco mais sobre o casal Palha: “O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações.” (ASSIS, 2009, p. 89). O fato é que ele gastava tudo que ganhava com reuniões freqüentes, presentes caros para a mulher e enfeites para a casa. Consigo gastava pouco, a não ser com comidas. Ou seja, gastava com o que fosse necessário para ele e a mulher se mostrarem para a sociedade e manterem “boas” e vantajosas relações sociais. Ele não gostava muito de sair, ia ao teatro ou a bailes sem gostar muito; na verdade, ia mais para exibir a mulher: “[...] ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares.” (ASSIS, 2009, p. 90).

Sofia, a principio, não gostou muito da idéia de ser usada pelo marido como quem exhibe um troféu, mas depois acabou se acostumando com a situação e gostando de ser cobiçada: “A principio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gentes às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros.” (ASSIS, 2009, p. 90).

Durante a festa, Rubião e Sofia trocam olhares; Palha, que ao piano acompanhava uma cantora, parece que não percebe. Mas uma pessoa na sala percebe o flerte dos dois, é Dona Tonica, justamente porque tem interesse em Rubião é que está atenta a ele. Foi reacendida nela a esperança de conseguir um marido, não precisava nem ser rico como o Rubião. Até aquele momento ela tinha tentado chamar a atenção de Rubião, foi quando percebeu esses olhares, mas mesmo assim fez uma última tentativa, tentando estabelecer uma conversa com ele. Mas ele só via Sofia a sua frente. Esta se aproxima e convida ambos para dar um passeio no jardim, Dona Tonica, desiludida, dá uma desculpa e não vai.

Nesse momento, estando os dois sozinhos no jardim, Rubião resolve se declarar para a amada: “Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da Terra, e às estrelas os olhos do céu. Tudo isso baixinho e trêmulo.” (ASSIS, 2009, p. 93). Sofia se assusta com a atitude de Rubião, mas não sabe como reagir: “Sofia ficou pasmada. De súbito endireitou o corpo, que até ali viera pesando no braço do Rubião. Estava tão acostumada à timidez do homem... [...] Daí um longo silêncio.” (ASSIS, 2009, p. 93). Mas Rubião continua a comparar os olhos de Sofia com as estrelas e não para de falar: “Loquaz, destemido, Rubião parecia totalmente outro. Não parou ali; falou ainda muito, mas não deixou o mesmo círculo de idéias.” (ASSIS, 2009, p. 94). Então percebemos que talvez Sofia não seja tão desinformada como parece e aja conscientemente em relação a Rubião:

Era preciso responder, fazê-lo parar, dizer que ia por onde ela não queria ir, e tudo isso, sem que ele se zangasse, sem que se fosse embora... Sofia procurava alguma coisa; não achava, porque esbarrava na questão, para ela insolúvel, se era melhor mostrar que entendia, ou que não entendia. Aqui lembraram-lhe os próprios gestos dela, as palavrinhas doces, as atenções particulares; concluía que, em tal situação, não podia ignorar o sentido das finezas do homem. Mas confessar que entendia, e não despedi-lo de casa, eis aí o ponto melindroso. (ASSIS, 2009, p. 94).

Até que Sofia resolve convidá-lo a voltar para a casa, diz que precisa fazer sala às visitas, mas Rubião a segura firme pelo braço. Só quando Sofia diz que podem ter dado pela ausência deles é que ele percebe que a expressão *nossa ausência* carrega certa cumplicidade, e pede que toda noite eles fitem o Cruzeiro na mesma hora. Rubião continua a segurá-la firme, ela então pede que ele a deixe ir, ele concorda, e quando vai beijar-lhe a mão, aparece o major Siqueira, que faz insinuações sobre namorados:

- Olá! Estão apreciando a lua? Realmente, está deliciosa; está uma noite para namorados... Sim, deliciosa... Há muito que não vejo uma noite assim... Olhem só para baixo, os bicos de gás... Deliciosa! Para namorados... Os namorados gostam sempre da lua. No meu tempo, em Icarai... (ASSIS, 2009, p. 96).

Mas não é possível saber se ele viu alguma coisa, ele pode estar apenas comentando sobre a linda noite, pois como percebemos no início da festa, ele gosta muito de falar, de contar histórias de sua vida. Tanto Rubião quanto Sofia ficam sem saber o que fazer, imaginando que ele possa ter ouvido a conversa dos dois; mas Sofia logo se recupera e concorda com o Major de que a noite está linda e inventa um assunto sobre o qual ela e Rubião estariam falando. Aí ficamos sabendo que o Major não disse aquilo por acaso, que ele desconfiava dos dois, no entanto ele se espanta com a atitude tranqüila de Sofia:

O major mal podia conter o assombro. Tinha visto as duas mãos presas, a cabeça do Rubião meio inclinada, o movimento rápido de ambos, quando ele entrou no jardim; e sai-lhe de tudo isto um padre Mendes... Olhou para Sofia; viu-a risonha, tranqüila, impenetrável. Nenhum medo, nenhum acanhamento; falava com tal simplicidade, que o major pensou ter visto mal. (ASSIS, 2009, p. 97).

Sofia, então, volta para a casa e deixa os dois no jardim. Rubião não sabe como se comportar, pois não sabe dissimular como Sofia. O Major é que inicia a conversa, dizendo que conheceu o padre Mendes, e começa a falar sobre a vida do Padre. No meio do assunto dá um jeito de falar da beleza de Sofia e pergunta o que Rubião acha dela. Este fica desconfiado se o outro viu alguma coisa e resolve agradá-lo, oferecendo a sua casa em Botafogo. Então eles falam sobre outros assuntos (na verdade, o major fala e Rubião concorda), e agora Rubião, ao contrário da conversa da tarde, acha agradável a fala interminável do major. Finalmente, acaba por concluir que o outro não tinha visto nada.

Após saírem todos os convidados, o casal Palha conversa sobre a festa, rindo de alguns convidados, criticando alguns episódios. Até que Sofia fala ao marido que alguém havia se declarado para ela, Palha chega a empalidecer e pergunta quem foi: “Mas quem foi o patife? – Disse ele impaciente” (ASSIS, 2009, p. 110). Sofia revela que foi Rubião, e Palha começa a andar de um lado para outro. Então ela conta exatamente como tudo aconteceu e conclui que é preciso cortar relações com ele: “[...] Ainda bem que te não zangas; mas é preciso trancar-lhe a porta – ou de uma vez ou aos poucos; eu preferia logo, mas estou por tudo. Como achas melhor?” (ASSIS, 2009, p. 111). Nesse momento, ficamos sabendo que o bilhete que acompanhava a cesta de morangos enviada a Rubião foi redigido pelo próprio Palha, Sofia apenas tinha copiado e assinado. Palha reflete que fez isso porque confiava em Rubião, pois achava natural que sua mulher despertasse o interesse nos homens e até mesmo em Rubião, mas não imaginava que este tivesse coragem para se declarar.

Podemos perceber como Palha usou conscientemente sua mulher como isca para atrair Rubião. Sofia, por sua vez, parece seduzir Rubião para satisfazer seu ego, porque precisa ser desejada pelos homens; mas ao mesmo tempo, ela desconfia dos interesses do marido, pois como vimos, de alguma forma ela sabe que precisa manter Rubião por perto. Ou seja, Sofia transita entre esses dois níveis de consciência, como aponta Vianna:

Palha ganhou a amizade de Rubião pela cordialidade com que tratava o mineiro, mas muito por causa dos ‘olhos amotinados ou quietos’ de sua esposa. Olhos de uma mulher que, segundo Lúcia Miguel Pereira, ‘espalha uma atmosfera de pecado sem nunca ter pecado’. Sofia não pecou, mas bem que quis sair da linha com Carlos Maria; não pecou, mas alimentou com olhares insistentes a envaidecedora adoração de Rubião. Sofia podia muito bem partilhar da sordidez de Palha e Camacho, mas

não esqueçamos que ela é uma mulher machadiana, ou seja, ambígua do olhar até o último fio de cabelo. (VIANNA, 2009, p. 302).

Segundo aponta Fischer (f. 10), com o tempo Sofia vai aprendendo como deve agir em sociedade: “Sofia, se não muda muito, pelo menos transita de uma condição social relativamente acanhada para os mais altos degraus, trajetória que é acompanhada por um aguçamento de sua consciência sobre a ética da enganação social.”

Durante a conversa com a mulher, Palha chega à conclusão de que ela é que tinha sido a culpada pela investida de Rubião, pois ela não deveria tê-lo convidado para ir ver a lua. Sofia então mostra que havia sido instruída pelo marido a dar atenção especial a Rubião: “– Mas você mesmo não me tem dito que devemos tratá-lo com atenções particulares? [...]” (ASSIS, 2009, p. 112). Então Palha lhe diz que tenha mais cautela daqui para frente, mas esta diz que o melhor é cortar relações. Palha reflete que não quer fazer isso, mas não sabe como lhe dizer; então diz que talvez Rubião tivesse bebido demais, que esteja envergonhado agora, que talvez ele se explique ou até se ausente se não o chamarem. Sofia diz que seria melhor que não o chamassem, então o marido lhe diz que deve obrigações ao amigo. Ao que a mulher lhe diz “– Alguns presentes, algumas jóias, camarotes no teatro não são motivos para que eu fite o Cruzeiro com ele.” (ASSIS, 2009, p. 114). Nesse momento, Palha quer encerrar a conversa e pede que falem outra hora, mas a conversa se estende, sem que Palha concorde com a mulher em cortar relações com Rubião. Até que finalmente Palha revela à mulher o verdadeiro motivo: “Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.” (ASSIS, 2009, p. 114). Aqui Sofia tem plena consciência de como deve agir, e ela e o marido fazem uma espécie de pacto:

– Está bom – disse –, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.
– Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... É preciso tapar um buraco daqui, outro dali... O diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti. (ASSIS, 2009, p. 115).

Através da conversa do casal, vemos um pouco do comportamento da sociedade da época, como observa Fischer (f. 9): “Pegue o capítulo 50, que relata o fim do domingo em que o romance se inicia, quando Sofia e Palha se encontram e analisam o dia que passou. Trata-se de um primor de demonstração da hipocrisia burguesa [...]”. Agora vemos mais claramente as intenções de Palha: sabendo dos atributos da mulher, pediu a esta para dar tratamento especial a Rubião, de forma que ele se mantivesse seduzido e, assim, preso a casa e,

consequentemente, aos negócios de Palha. Rubião é incapaz de perceber a armadilha em que caiu, como fala Araújo:

E no pega para capar generalizado, Rubião é o ingênuo que não conhece as regras do jogo, nem do jogo da sedução perpetrado por Sofia (sedução e ostentação burguesa, fique claro), nem o jogo capitalista da preservação e ampliação do patrimônio, com suas despesas e receitas. (ARAÚJO, f. 8).

Na manhã seguinte à festa, Sofia está no jardim e vê passar um moço que a cumprimenta sorrindo e demoradamente, então ela pensa de onde o conhecia: “[...] em verdade, a cara não lhe era estranha, nem as maneiras, nem os olhos plácidos e grandes.” (ASSIS, 2009, p. 116). Finalmente se lembra que o conheceu em um baile no mês anterior, em que eles dançaram, e ele lhe falou sobre a beleza da mulher e contou fatos acontecidos com ele, alguns não eram interessantes, “[...] mas falava tão bem! E o assunto era tão dela!” (ASSIS, 2009, p. 117). Nesse momento ficamos sabendo quem é o rapaz que impressionou Sofia: após dançarem, seu marido lhe disse que se chamava Carlos Maria:

– É a primeira figura do salão – disse-lhe o marido com orgulho de ver que se ocupara tanto tempo com ela.
 – Entre os homens – explicou Sofia.
 – Entre as senhoras és tu – acudiu ele mirando-se no colo da mulher e circulando depois os olhos pela sala, com uma expressão de posse e domínio que a mulher já conhecia e que lhe fazia bem. (ASSIS, 2009, p. 117).

Aqui percebemos novamente o gosto de Palha em exhibir a mulher e a satisfação de Sofia em ser admirada. Esse Carlos Maria já nos tinha sido apresentado, ele é um dos amigos de Rubião que estava almoçando com ele no dia em que recebeu a cesta de morangos de Sofia:

Examinai-o bem; é um galhardo rapaz de olhos grandes e plácidos, muito senhor de si, ainda mais senhor dos outros. Olha de cima; não tem o riso jovial, mas escarminho. Agora, ao sentar-se à mesa, ao pegar no talher, ao abrir o guardanapo, em tudo se vê que ele está fazendo um insigne favor ao dono da casa – talvez dois –, o de lhe comer o almoço, e o de lhe não chamar pascácio. (ASSIS, 2009, p. 83).

Através dessa descrição e da conversa de Carlos Maria com Sofia no baile, podemos conhecer um pouco sobre ele: um ser arrogante e galanteador. Duas semanas depois, Palha vai à casa de Rubião e, sabendo que este quer voltar para Minas, lhe diz que ele não poderia ir sem eles liquidarem as contas, ao que Rubião lhe diz:

Contas? Quem lhe pedia contas?

- Bem se vê que o senhor não é um homem de comércio – redargüiu Cristiano.

- Não sou, é verdade; mas as contas pagam-se quando se podem. Entre nós, tem sido isto. Ou, quem sabe? Seja franco; precisa de algum dinheiro?

- Não, não preciso. Obrigado. Tenho que propor um negócio, mas há de ser mais demoradamente. [...]. (ASSIS, 2009, p. 126).

Vemos que Palha tem total tranqüilidade para “administrar” a fortuna de Rubião e, assim, expandir os seus negócios, pois Rubião é ingênuo demais para perceber as intenções de Palha, hábil “homem de negócios”:

Palha, o caso mais significativo de mudança social no romance, destaca-se em parte pelo fato de sua ascensão ser tão suave, aparentemente inevitável, baseada exclusivamente no que poderia ser chamado de perspicácia de comerciante, embora Machado encare isso como uma mistura de intuição e cobiça. (GLEDSON, 1986, p. 60).

Rubião vai até a casa de Sofia e Palha pela primeira vez depois da festa, e, nesse momento, ficamos conhecendo as duas hóspedes do casal Palha: Dona Maria Augusta, tia de Sofia, e Maria Benedita, prima. Elas moram no interior, onde a velha tem uma pequena fazenda com escravos e dívidas que o marido havia lhe deixado. Sua filha já tinha vindo para a cidade antes, por insistência de Sofia, para aprender piano, mas não agüentara de saudades da mãe e voltara para a roça. Quando Rubião se despede, podemos perceber que ele não sabe como agir com Sofia; ela, no entanto, sabe perfeitamente como se comportar:

Sofia estendeu-lhe a mão, em que ele mal pôde tocar. Contudo, a moça, durante a visita, mostrou-se tão natural, tão sem azedume... Não teve seguramente os olhos longos e loquazes, como dantes; parecia até que não houvera nada, nem bem nem mal, nem morangos, nem lua. Rubião tremia, não achava palavras; ela achava todas as que queria, e, se era preciso olhar para ele, fazia-o diretamente, tranqüilamente. (ASSIS, 2009, p. 134).

Ao sair, Rubião fica surpreso de encontrar ali Carlos Maria e se espanta da naturalidade com que este elogia Sofia: “– Vou denunciar seu marido, minha senhora; é homem de muito mau gosto. [...] – Tem este seu retrato na sala – continuou Carlos Maria –; a senhora é muito mais bela, infinitamente mais bela que a pintura. Comparem, minhas senhoras.” (ASSIS, 2009, p. 135).

Os dias passaram, e Sofia continuava insistindo para que Maria Benedita aprendesse piano e francês, esta lhe dizia que “[...] eram coisas supérfluas, que moça de roça não precisa de prendas da cidade” (ASSIS, 2009, p. 137). Mas como em uma noite, Carlos Maria pediu a ela que tocasse alguma coisa ao piano, resolveu, no dia seguinte, que aprenderia o que a prima

quisesse. Sua mãe não gostou muito da idéia, pois queria que a filha ficasse com ela na roça, mas Palha acabou convencendo-a. Maria Benedita, apesar de sentir saudades de casa, acabou se ajustando ao meio, já até competia com Sofia, que não mais louvava a prima em todos os lugares, apenas ouvia calada os elogios. Porém, em um ponto Sofia era insuperável: ninguém dançava melhor que ela; e Carlos Maria só dançava com Sofia.

3 SEGUNDO ENDEREÇO: FLAMENGO

Desde que Maria Benedita tinha começado a ter aulas passaram-se oito meses, agora o casal Palha já não mora mais em Santa Teresa, eles se mudaram para o Flamengo. Rubião e Palha são sócios em uma casa de importação; a princípio, quando Palha convidou Rubião para a sociedade, este hesitou por um tempo, pois gastaria muito e não entendia de comércio: “O regime que lhe indicavam não era claro; Rubião não podia compreender os algarismos do Palha, cálculos de lucros, tabelas de preço, direitos da alfândega, nada; mas a linguagem falada supria a escrita.” (ASSIS, 2009, p. 141) O amigo tentava convencê-lo, dizendo que poderia multiplicar o seu dinheiro. Rubião pensou em vários motivos a favor do negócio, mas finalmente, o motivo que o convenceu foi o que estava no pensamento dele desde o início: Sofia. Ou seja, o plano de Palha de usar a mulher para atrair Rubião estava dando certo, Rubião aceitou a sociedade para ficar mais perto da amada: “Foi assim que se fez a sociedade comercial; assim é que Rubião legalizou a assiduidade das suas visitas.” (ASSIS, 2009, p. 142).

Em uma noite, eles estão em um baile na Rua dos Arcos, e Rubião comenta com Maria Benedita que Sofia não vai querer ir embora cedo, pois “[...] Já acabou a desculpa de Santa Teresa, por causa da subida. A casa fica perto daqui.” (ASSIS, 2009, p. 141). Isso quer dizer que agora eles já estão morando em um lugar com melhor localização na cidade, que facilita a vida nos salões. Nesse baile, Carlos Maria e Sofia dançam muito tempo, sendo muito admirados no salão:

Sofia estava magnífica. Trajava de azul escuro, mui decotada – pelas razões ditas no capítulo XXXV; os braços nus, cheios, com uns tons de ouro claro, ajustavam-se às espáduas e aos seios, tão acostumados ao gás do salão. Diadema de pérolas feitiças, tão bem acabadas, que iam de par com as duas pérolas naturais, que lhe ornavam as orelhas, e que Rubião lhe dera um dia. Ao lado dela, Carlos Maria não ficava mal. Era um rapaz galhardo, como sabemos, e trazia os mesmos olhos plácidos do almoço do Rubião. Não tinha as maneiras súditas, nem as curvas reverentes dos outros rapazes; exprimia-se com a graça de um rei benévolo. (ASSIS, 2009, p. 142).

As *razões ditas no capítulo XXXV* são a vaidade do marido em exhibir a mulher, comentadas anteriormente. Enquanto dançam, Carlos Maria faz uma declaração de amor para Sofia, esta fica perturbada ao ouvir tais palavras:

– Estive lá; ia pelo Catete, já tarde, e lembrou-me descer à praia do Flamengo. A noite era clara; fiquei cerca de uma hora, entre o mar e a sua casa. A senhora apostou que nem sonhava comigo? Entretanto, eu quase que ouvia a sua respiração.

Sofia tentou sorrir; ele continuou:

– O mar batia com força, é verdade, mas o meu coração não batia menos rijamente; com esta diferença – que o mar é estúpido, bate sem saber por quê, e o meu coração sabe que batia pela senhora.

– Oh! – murmurou Sofia. (ASSIS, 2009, p. 144).

Em casa, Sofia comenta com o marido que está cansada, que o baile estava entediante. Aqui vemos que Sofia está tentando esconder do marido o seu interesse por Carlos Maria, é quando ele lhe diz que Carlos Maria valsava muito bem. Nesse momento “Sofia estremeceu; fitou-o no espelho, o rosto era plácido. Concordou que não valsava mal.” (ASSIS, 2009, p. 147). Ele insiste que valsava muito bem, então ela desconversa e elogia o marido: “– Você louva os outros porque sabe que ninguém é capaz de o desbancar. Anda, meu vaidoso, já te conheço.” (ASSIS, 2009, p. 147).

Na manhã seguinte, Sofia acorda e vai até a janela para admirar as ondas do mar. De repente, ela começa a olhar para a rua, procurando os sinais de Carlos Maria, e se lembra das suas palavras no baile. Ela pensa que não deveria ter deixado que ele continuasse, mas talvez ele terminasse de falar na frente dos outros. Então promete a si mesma não pensar mais nisso, mas as palavras dele continuam se repetindo.

Nesse mesmo momento, Carlos Maria está acordando em sua casa, na Rua dos Inválidos, e se lembra da noite anterior: acha graça de ter inventado que foi até a praia e ficou pensando em Sofia, se arrepende e pensa em contar a verdade, mas desiste. Então se recorda com gosto de ter dançado com a mulher mais bela do baile e da inveja e admiração que causou nas pessoas: “A inveja e a admiração dos outros é que lhe davam ainda agora uma delícia íntima. A princesa do baile entregava-se-lhe.” (ASSIS, 2009, p. 149). Saiu para dar um passeio a cavalo e pensou em passar em frente à casa de Sofia, mas desistiu, pois não queria ir tão depressa atrás dela. Enquanto ele ia passando, todas as pessoas iam admirando como montava bem: a postura, a elegância e a tranqüilidade. Então ele ia, mais uma vez, se satisfazendo da admiração dos outros: “Carlos Maria – e este era o ponto em que cedia à multidão – recolhia as admirações todas, por ínfimas que fossem. Para adorá-lo, todos os homens faziam parte da humanidade.” (ASSIS, 2009, p. 151).

Nesta mesma manhã, Maria Benedita está decidida a voltar para a roça, sem dizer o motivo a Sofia; na verdade, ela ficou chateada vendo Carlos Maria e Sofia juntos no baile. Quando esta lhe fala que ela precisa casar e que já tem um noivo para ela, Maria Benedita muda de idéia ao concluir que esse noivo é Carlos Maria, pois devia ser sobre isso que

conversavam tanto no baile. Entretanto, o noivo é Rubião, pois Palha tinha a intenção de casar os dois, e Sofia se encarregou de cuidar do assunto, até dissera certa vez ao marido que havia falado. Mas ela não falou, nem conseguiu falar agora, talvez por ciúmes de Rubião: “Seria singular que esta mulher, que não tinha amor àquele homem, não quisesse dá-lo de noivo à prima [...] não quer ceder o que não quer possuir.” (ASSIS, 2009, p. 152).

Alguns dias depois, o major Siqueira vai visitar Rubião para lhe dizer que se mudou da Rua do Senado para a Rua Dois de Dezembro. Ele elogia a casa do amigo, os móveis, o luxo, mas acha que a casa não tem alma e diz que Rubião precisa casar: “– O senhor é feliz, mas falta-lhe aqui uma coisa; falta-lhe mulher. O senhor precisa casar. Case-se, e diga que eu o engano.” (ASSIS, 2009, p. 153). Sua filha, D. Tonica, havia completado os quarenta anos; nesse dia, não houve festa, apenas um discurso do pai ao almoço, em que ela quase não podia prestar atenção: “Dona Tonica mal podia ouvi-lo; metida em si mesma, ia roendo o pão da solidude moral, ao passo que se arrependia dos últimos esforços empregados na busca de um marido. Quarenta anos; era tempo de parar.” (ASSIS, 2009, p. 153).

Após o Major sair, Rubião pensa na possibilidade de casar, assim ele se livraria de Sofia: “Mataria a paixão que o ia comendo aos poucos, sem esperança nem consolação. [...] Era um modo de fugir a Sofia [...]” (ASSIS, 2009, p. 154). Ele não sabia o que fazer, pois Sofia o mantinha perto, sem dizer que sim nem que não: “Sofia contribuía para esse estado; era tão diversa de si mesma, ora isto, ora aquilo, que os dias iam passando sem acordo fixo, nem desengano perpétuo.” (ASSIS, 2009, p. 155). Rubião continuou pensando na idéia do casamento, nas noivas: “O pior é que todas traziam a cara de Sofia [...]” (ASSIS, 2009, p. 158).

O casal, por essa época, acostumado à nova vida social, ia freqüentemente ao teatro. Palha convidava Rubião para ir com eles: “– Tem onde ir hoje à noite? – Não. – Pegue lá uma entrada para o Teatro Lírico; camarote nº 8, primeira ordem à esquerda.” (ASSIS, 2009, p. 158). Este ia para ter a constante presença de Sofia, fosse agradável ou não: “Rubião chegava mais cedo, ia esperar por eles e dava o braço a Sofia. Se ela estava de bom humor, a noite era das melhores do mundo. Se não, era um martírio, para repetir as próprias palavras dele, ao cão, um dia [...]” (ASSIS, 2009, p. 159).

Uma semana depois, encontrou Palha, que lhe falou da morte de D. Augusta e lhe disse para ir visitar Maria Benedita; aproveitou também para elogiar as qualidades da moça:

[...] Não imagina que primor ali está. Boa educação, muito severa; e quanto a prendas de sociedade, se não as teve em criança, ressarciu o tempo perdido com

rapidez extraordinária. Sofia é a mestra. E dona de casa? Isso, meu amigo, não sei se em tal idade se achará pessoa tão completa. [...] (ASSIS, 2009, p. 159 – 160).

Palha comenta com Rubião que a Casa Morais e Cunha pagava integralmente a todos os credores: “Rubião não sabia nada, nem se a casa existia, nem se eles eram credores dela; ouviu a notícia, respondeu que estimava muito e dispôs-se a ir embora.” (ASSIS, 2009, p. 160). Vemos que Rubião, apesar de ser sócio de Palha, não sabe nada de negócios, muito menos do deles, nem se interessa, como diz Araújo (f. 5): “[...] Rubião é um ingênuo, quase um pateta, que nada entende dos negócios em que anda metido.”

Então Palha lhe diz que acha que é Rubião que casará com Maria Benedita, ao que Rubião diz que não tem intenção de casar. Palha então lhe pergunta se Sofia não havia lhe falado desse seu palpite:

- Nunca.
- É esquisito, disse-me que lhe falara uma vez, ou duas, não me lembro bem.
- Pode ser, sou muito distraído. Que queriam casar-me com a moça?
- Não, que eu tinha um palpite. Mas demos tempo ao tempo. (ASSIS, 2009, p. 160 – 161).

A partir desse comentário do Palha, Rubião fica imaginando que Sofia não havia lhe falado do casamento porque não queria que ele casasse, e voltou a ter esperanças com ela: “[...] talvez Sofia não se houvesse esquecido, mas mentisse de propósito ao marido para não dar andamento ao projeto. Neste caso o sentimento era outro. Esta explicação pareceu-lhe lógica: a alma voltou à serenidade anterior.” (ASSIS, 2009, p. 161).

Nessa época, Sofia cria uma comissão de senhoras, a Comissão de Alagoas, para arrecadar dinheiro para ajudar pessoas vítimas de uma epidemia em uma cidade de Alagoas; os homens apenas davam dinheiro. Essa comissão iria favorecer Sofia em sua ascensão social, pois ela estava se relacionando com mulheres que não eram do seu nível social:

[...] a comissão ia pôr em evidência a pessoa de Sofia, e dar-lhe um empurrão para cima. As senhoras escolhidas não eram da roda da nossa dama, e só uma a cumprimentava; mas, por intermédio de certa viúva [...] conseguira que todas entrassem naquela obra de caridade. Desde alguns dias não pensara em outra coisa. (ASSIS, 2009, p. 169).

Rubião contribuiu com uma boa quantia para a Comissão, para forçar os próximos a dar uma contribuição generosa e também, certamente, para agradar Sofia. Vê-se que tudo estava acontecendo como o casal planejara: Sofia seduzia Rubião, dando-lhe esperanças, o

mantendo por perto, mas sem acontecer nada de concreto, e Rubião contribuía com o dinheiro necessário à subida do casal, fosse na Comissão de Alagoas ou nos negócios do Palha.

Mas Rubião começou a ter desconfianças em relação à Sofia, imaginando que ela tivesse um caso com Carlos Maria, também o leitor é levado a acreditar nisso, pois o autor vai mostrando evidências desse relacionamento: primeiro Rubião ouve de um cocheiro que ele havia levado um moço da Rua dos Inválidos (onde mora Carlos Maria) para ver a costureira da mulher, na Rua da Harmonia, e meia hora depois uma mulher havia entrado ali; depois Rubião vai até a casa de Sofia e vê ali duas costureiras, sendo que uma mora na Rua da Harmonia, ele chega até a seguir a costureira, mas acaba perdendo-a de vista; no dia seguinte, ao receber um bilhete de Sofia e entregar a resposta ao portador, vê que ele deixou cair uma carta, com a letra de Sofia, destinada a Carlos Maria. Então Rubião resolve falar com Sofia sobre a carta, mas não consegue conter seus sentimentos:

– Não é segredo para a senhora que lhe quero bem. A senhora sabe disto e não me despede, nem me aceita, anima-me com os seus bonitos modos. Não me esqueci ainda de Santa Teresa, nem da nossa viagem no trem de ferro, quando vínhamos os dois, com seu marido no meio. Lembra-se? Foi a minha desgraça aquela viagem; desde aquele dia a senhora me prendeu. A senhora é má, tem gênio de cobra; que mal lhe fiz eu? Vá que não goste de mim; mas podia desenganar-me logo... (ASSIS, 2009, p. 181).

Rubião continua falando, e Sofia tem medo de que alguém ouça, por isso pede que ele pare. Então Rubião mostra a carta à Sofia, ela diz a ele que abra a carta e leia, mas ele vai embora. Aos poucos, Sofia vai lembrando que carta era essa, abre e confirma que era a circular da comissão de Alagoas. Em seguida, Sofia se lembra de Carlos Maria, da noite do baile, da declaração de amor e não consegue entender por que esse “assunto” não foi adiante: “Nunca Sofia compreendera o malogro daquela aventura. O homem parecia querer-lhe deveras, e ninguém o obrigava a declará-lo tão atrevidamente, nem a passar-lhe pelas janelas, alta noite, segundo lhe ouviu.” (ASSIS, 2009, p. 183). Lembrou-se ainda de outros momentos em que estiveram juntos, olhares que trocaram, pensou em alguns motivos para não ter acontecido nada entre eles e acabou achando um que justificasse. Nesse momento, o autor ri do leitor, que acreditou na história do romance entre Sofia e Carlos Maria, e explica que o cocheiro inventou essa história para distrair Rubião, pois o achou ótimo freguês, e que Rua dos Inválidos e Rua da Harmonia eram coincidências.

Agora Palha já não é somente sócio de Rubião, ele cuida de todos os seus negócios: títulos, aluguéis de casas, moedas de ouro. Dessa forma, ele sabe melhor que Rubião a soma total de seus bens e o aconselha a não gastar muito, pois está entrando pelo capital; e a não

fazer empréstimos com falsos amigos, que depois não o pagam: “[...] Não vê que lhe levam o dinheiro, e não lhe pagam as dívidas? Sujeitos que vão ao ponto de jantar diariamente com o próprio credor [...] Falo-lhe por ser seu amigo; não dirá algum dia que não foi avisado em tempo.” (ASSIS, 2009, p. 188).

Chega o aniversário de Sofia, e Rubião compra-lhe um brilhante e envia à sua casa, acompanhado de um bilhete de visita, surpreendendo-a: “Sofia ficou deslumbrada, quando abriu a caixa e deu com a rica jóia – Uma bela pedra, no centro de um colar. Esperava alguma coisa bonita; mas, depois dos últimos sucessos, mal podia crer que ele fosse tão generoso.” (ASSIS, 2009, p. 197). Após recordar-se de algumas coisas, pensou: “‘Aquele homem adora-me.’” (ASSIS, 2009, p. 197). Então, ao passar em frente ao espelho, ficou contemplando a sua beleza; apertou o colete e resolveu colocar o colar para ver como ficava: era perfeito. Guardou a jóia e pensou novamente: “‘Aquele homem adora-me.’” (ASSIS, 2009, p. 198). Percebemos que Sofia não mantinha Rubião preso só pelos interesses financeiros, ela gostava de ser desejada por ele.

Nessa festa, os convidados são bem diferentes da outra festa, aquela de Santa Tereza, em que Rubião e Sofia foram surpreendidos pelo major Siqueira no jardim. O Major não está presente, nem a filha; também não estão os casais daquela festa. Agora que o casal mora no Flamengo, suas relações sociais são outras, e outros são os convidados, apenas pessoas importantes: “Da comissão das Alagoas viam-se algumas damas; via-se mais o diretor do banco – o da visita ao ministro – com a senhora e as filhas – outro personagem bancário, um comerciante inglês, um deputado, um desembargador, um conselheiro, alguns capitalistas, e pouco mais.” (ASSIS, 2009, p. 198).

Então, na festa, Rubião fica sabendo por Sofia do casamento de Carlos Maria e Maria Benedita e reflete sobre a festa do casamento: “[...] Será de estrondo o casamento? Deve ser; o Palha vive agora um pouco melhor...’ E Rubião lançava os olhos aos móveis, porcelanas, cristais, reposteiros.” (ASSIS, 2009, p. 201). Ele não percebe, devido a sua ingenuidade, que é ele quem está financiando tudo aquilo. Foi uma senhora da Comissão de Alagoas que arranhou o casamento dos dois, D. Fernanda:

Dona Fernanda tinha pouco mais de trinta anos, era jovial, expansiva, corada e robusta; nascera em Porto Alegre, casara com um bacharel das Alagoas, deputado agora por outra província, e, segundo corria, prestes a ser ministro de Estado. A naturalidade do marido foi o pretexto para metê-la na comissão; e bem acertado foi, porque ela pedia como quem manda, não tinha acanhamento nem admitia recusa. (ASSIS, 2009, p. 203).

D. Fernanda era prima de Carlos Maria, e queria casá-lo com uma moça de Pelotas. Ele não tinha interesse em casar. Como D. Fernanda e Maria Benedita tinham se tornado grandes amigas através da Comissão, aquela notou que esta andava meio triste, e decidiu animá-la, levando-a a toda parte: “Dona Fernanda possuía, em larga escala, a qualidade da simpatia; amava os fracos e os tristes, pela necessidade de os fazer ledos e corajosos. Contavam-se dela muitos atos de piedade e dedicação.” (ASSIS, 2009, p. 205). Mas mesmo assim, D. Fernanda percebeu que Maria Benedita escondia alguma coisa, e decidiu casá-la com Carlos Maria. Ao perguntar a Maria Benedita se ela gostava de alguém, esta acabou confessando que sim, mas não revelou quem:

A princípio, quando ela via a pessoa amada, passava por dois estados mui diversos – um que não podia definir, alvoroço, tonteira, pancadas no coração, quase um desmaio; o segundo era de contemplação. Agora era quase que só este. Tinha chorado muito, consigo, perdera noites e noites de saudades; pagou caro a ambição das suas esperanças. Mas não perderia nunca a certeza de que ele era superior a todos os demais homens, um ente divino, que, ainda não fazendo caso dela, mereceria sempre ser adorado. (ASSIS, 2009, p. 207 – 208).

Foi seu marido, Teófilo, que lhe disse que Maria Benedita gostava de Carlos Maria. Então D. Fernanda falou com Carlos Maria, contando-lhe toda a confissão de Maria Benedita, ele gostou muito de ser venerado: “Que bom que era sentir-se um deus adorado, e adorado à maneira evangélica, metida a devota no aposento, fechada a porta, em secreto, não nas sinagogas, à vista de todos.” (ASSIS, 2009, p. 212). Em seguida, começou a freqüentar a casa do casal: “Começou a vê-la, saboreou a confusão da moça, os medos, a alegria, a modéstia, as atitudes quase implorativas, um composto de atos e sentimentos que eram a apoteose do homem amado.” (ASSIS, 2009, p. 213). Assim tudo havia começado, e iriam casar-se. Segundo Gledson, o casamento entre Carlos Maria e Maria Benedita é um exemplo de uma sociedade que já não valorizava tanto a riqueza permanente:

O casamento ‘perfeitamente feliz’ entre Carlos Maria e Maria Benedita, produto desigual de uma riqueza e pobreza igualmente herdadas e imerecidas, é um produto característico de uma sociedade com bases cada vez mais tênues numa riqueza real, e que confunde um golpe de fortuna com uma situação econômica permanente. (GLEDSON, 1986, p. 68).

Isso nos mostra que é possível “dar um jeitinho” de avançar nos degraus das classes sociais na sociedade da época, que já é mais flexível e aceita “penetras”, como ressalta Gledson:

[...] aqui temos um grupo de pessoas com uma múltipla e complicada interação, unidas numa sociedade em que as diferenças de classe existem, mas em que podem ser encontrados meios para atravessar as águas traiçoeiras – moças provincianas podem aprender francês e a tocar piano, humildes comerciantes, ex-seminaristas, podem aspirar a possuir bancos, filhas de funcionários públicos podem organizar Comissões de caridade... e assim por diante. [...] essas complicações não existem simplesmente por existirem; de maneiras diferentes, simbolizam uma sociedade em mutação [...]. (GLEDSON, 1986, p. 67).

Passaram-se três semanas da festa de Sofia, e chegou o dia do casamento; Carlos Maria acorda e se pergunta se era ele mesmo que iria casar, relembra os últimos dias, a rapidez com que tudo se deu, “[...] a realidade da afeição que tinha à noiva, e, enfim, a felicidade pura que lhe ia dar.” (ASSIS, 2009, p. 214). Isso lhe traz uma enorme satisfação, e ele conclui as suas reflexões durante o passeio habitual da manhã: “Oh! Como *a tornaria* feliz! Já a antevia ajoelhada, com os braços postos nos seus joelhos, a cabeça nas mãos e os olhos nele, gratos, devotos, amorosos, toda implorativa, toda nada.” (ASSIS, 2009, p. 215, grifo do autor). Nesse mesmo instante, Maria Benedita tem o mesmo pensamento: “[...] via-se a si mesma, ajoelhada aos pés do marido, quieta, contrita, como à mesa da comunhão para receber a hóstia da felicidade. E dizia consigo: ‘Oh! Como *ele me* fará feliz!’” (ASSIS, 2009, p. 216, grifo do autor). Nota-se porque deu certo a união dos dois: Carlos Maria precisa de uma esposa que o adore como a um deus e que se sinta inferior a ele, Maria Benedita precisa de Carlos Maria como marido, pois o adora como se fosse um deus. Casaram-se e depois de três meses foram para a Europa; Sofia não foi ao cais despedir-se deles, pois lhe pareceu vergonha, inventou que estava doente e pediu ao marido que fosse.

Quando Palha e Rubião estão voltando do cais, Palha diz a Rubião que quer acabar com a sociedade: “Estou com meu plano de liquidar o negócio; convidaram-me aí para uma casa bancária, lugar de diretor, e creio que aceito.” (ASSIS, 2009, p. 218). Não havia convite para banco nenhum, Palha havia inventado essa mentira para se ver livre de Rubião, de quem ele não precisava mais. Palha já havia tirado dele o que queria, agora era bem sucedido nos negócios: “A carreira daquele homem era cada vez mais próspera e vistosa. O negócio corria-lhe largo; um dos motivos da separação era justamente não ter que dividir com outros os lucros futuros.” (ASSIS, 2009, p. 220). Palha já está até pensando na mansão que pretende construir: “Já trazia apalavrado um arquiteto para lhe construir um palacete.” (ASSIS, 2009, p. 220).

Como foi dito anteriormente, na festa do aniversário de Sofia os convidados eram outros: o major Siqueira e a filha não estavam presentes. Quando Rubião encontra com o

major, este reclama que ele e a filha tinham sido excluídos pelo casal Palha, não são mais convidados para as festas, sendo que antes a presença deles era indispensável:

– Fazer anos, casar a prima, e nem um triste convite ao major, ao grande major, ao impagável major, ao velho amigo major. [...] por que não meteram minha filha na comissão das Alagoas? Qual! Há já muito que reparo nisto; antigamente não se fazia festa sem nós. Nós éramos a alma de tudo. De certo tempo para cá começou a mudança; entraram a receber-nos friamente, e o marido, se pode esquivar-se, não me cumprimenta. [...] Ora o Palha, um pé-rapado! Já o envergonho. Antigamente: major, um brinde. Eu fazia muitos brindes, tinha certo desembaraço. Jogávamos o voltarete. Agora está nas grandezas; anda com gente fina. [...] Pois não vi outro dia a mulher dele, num cupê, com outra? A Sofia de cupê! Fingiu que não me via, mas arranjou os olhos de modo que percebesse se eu a via, se a admirava. [...] (ASSIS, 2009, p. 220 – 221).

Percebe-se que o casal tinha definitivamente cortado relações com o Major e a filha, pois além de Palha e Sofia terem subido na posição social, os outros dois haviam caído ainda mais: eles se mudaram novamente, agora moram na Rua dos Barbonos, em um modesto sobradinho: “[...] a casa dizia a pobreza da família, poucas cadeiras, uma mesa redonda velha, um canapé gasto; nas paredes duas litografias encaixilhadas e em pinho pintado de preto [...]” (ASSIS, 2009, p. 222). Assim, por eles não interessarem mais ao casal, foram descartados, como comenta Gledson (1986, p. 67): “São impotentes e supérfluos, numa sociedade ‘progressista’, egoísta, na qual representam o passado e assim são utilizados, até serem rejeitados e ignorados.”

Acabada a comissão de Alagoas, Sofia saía beneficiada, com elogios da imprensa, e com um novo círculo de amizades: “Nem todas as relações subsistiram, mas a maior parte delas estavam atadas, e não faltava à nossa dama o talento de as tornar definitivas.” (ASSIS, 2009, p. 228). Ela tinha aprendido como se comportar adequadamente no novo meio social: “Observava, imitava. Necessidade e vocação fizeram-lhe adquirir, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna.” (ASSIS, 2009, p. 229). Uma vez, uma senhora da comissão de Alagoas tinha lhe perguntado se estava lendo o romance de Feuillet, na *Revista dos Dois Mundos*, Sofia respondeu que sim, era muito interessante; no dia seguinte pediu ao marido para assinar a revista, que nem conhecia, e leu o romance e os que vieram depois, sempre comentava a respeito, para mostrar que estava inserida naquele meio. O marido, no entanto, era muito exagerado; Sofia repreendia-o por se comportar como “[...] criança que recebe doce [...]”. (ASSIS, 2009, p. 229). Ele concordava que “[...] era preciso não parecer estar abaixo dos obséquios; cortesia, afabilidade, mais nada...” (ASSIS, 2009, p. 229).

Sofia, nessa época, tinha cortado todas as relações que não faziam mais parte do seu novo ambiente social, inclusive as familiares. Era só demonstrar frieza e falta de interesse ao

receber e quando era vista, assim, “[...] uma por uma, se foram indo as pobres criaturas modestas, sem maneiras, nem vestidos, amizades de pequena monta, de pagodes caseiros, de hábitos singelos e sem elevação.” (ASSIS, 2009, p. 229).

Da mesma forma, Sofia passou a tratar Rubião com frieza; afinal de contas, ele não interessava mais aos negócios do marido, não traria mais nenhuma vantagem ao casal: “Sofia acompanhou-o até a porta, estendeu-lhe a mão indiferente, respondeu sorrindo alguma coisa chocha, tornou à salinha em que estivera – ao mesmo ângulo, da mesma janela.” (ASSIS, 2009, p. 231). Assim, Rubião passou a ser inconveniente, e as suas visitas cansativas e entediadas. Mas ao mesmo tempo, Sofia teve certa pena de Rubião quando este começou a delirar, por achar que ela era responsável por aquele estado do homem:

A compaixão de Sofia – explicado o mal de Rubião pelo amor que ele lhe tinha – era um sentimento médio, não simpatia pura, nem egoísmo ferrenho, mas participando de ambos. [...] Não sorria, como o Palha, quando Rubião subia ao trono ou comandava um exército. Crendo-se autora do mal, perdoava-lho; a idéia de ter sido amada até a loucura sagrava-lhe o homem. (ASSIS, 2009, p. 250).

Um dia, Palha é questionado por D. Fernanda e Teófilo sobre o estado de Rubião: “– Por que não o tratam? – perguntou uma noite Dona Fernanda, que ali o conhecera no ano anterior. – Pode ser que se cure.” (ASSIS, 2009, p. 250). Ao que Palha responde que seu estado não é grave. Então o marido de D. Fernanda pergunta o que Rubião faz da vida ou o que fazia, e Palha lhe responde:

- Nada, nem agora nem antes. Era rico – mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia no Rio de Janeiro, aonde não voltara desde longos anos. Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital; foi o que ele fez. Hoje creio que tenha pouco... (ASSIS, 2009, p. 251).

Percebemos como Palha se exime de qualquer responsabilidade pela desgraça de Rubião, pois para ele, Rubião foi o único responsável por essa situação, por ser gastador, dado a luxos. O casal tinha sido apenas guia do amigo no Rio de Janeiro, tanto que ele nem sabe sobre a situação financeira dele; isso após o próprio Palha dilapidar o patrimônio de Rubião, com a ajuda da esposa, como aponta Candido (1995, p. 35): “A sua fortuna se dissolve em ostentação e no sustento de parasitas; mas serve sobretudo como capital para as especulações comerciais de um arrivista hábil, Cristiano Palha, por cuja mulher, ‘a bela Sofia’, Rubião se apaixona.”

Certo dia, D. Fernanda insiste com Sofia para que Palha tome alguma atitude em relação ao estado de saúde de Rubião, esta promete apressar o marido, que já tem idéia de fazer alguma coisa. Palha fica irritado de ter que cuidar desse assunto:

‘É uma grande amolação’, redargüiu este. E perguntou que interesse tinha Dona Fernanda em tornar àquele negócio. Que o tratasse ela mesma! Era uma atrapalhão ter de cuidar do outro, de acompanhá-lo, e, provavelmente, de recolher e gerir algum resto de dinheiro que ainda houvesse, fazendo-se curador, como dissera o Dr. Teófilo. Um aborrecimento de todos os diabos. (ASSIS, 2009, p. 258).

Agora, Rubião chega a ser um estorvo para Palha, ele não está mais interessado em Rubião, que já é “carta fora do baralho”. Ele não vê obrigação nenhuma em ajudar o outro. Mas, devido à obrigação do meio, já que poderiam fazer comentários se Palha não fizesse nada, ele decide tomar uma iniciativa e coloca Rubião em uma casinha alugada: “Tudo se fez sossegadamente. Palha alugou uma casinha na rua do Príncipe, cerca do mar, onde meteu o nosso Rubião, alguns trastes e o cachorro amigo.” (ASSIS, 2009, p. 258).

Nessa época, um novo ministério seria formado, e Teófilo tinha certeza que seria escolhido, pois era dedicado ao trabalho, entendia tudo das coisas da administração, era consultado por todos na Câmara, até por ministros. Ele era membro de três comissões parlamentares e ainda trabalhava para os seis colegas, que apenas ouviam os pareceres e assinavam; um deles, se o parecer fosse muito extenso, somente assinava. Porém, Teófilo ficou sabendo que não seria escolhido para ministro, e chegou em casa muito abatido; D. Fernanda tentava consolá-lo: “[...] Valerá tanto um cargo de pouco tempo, cheio de desgostos, insultos, trabalhos, para quê? Não é melhor a vida tranqüila? [...]” (ASSIS, 2009, p. 270). Mas o marido estava inconsolável, pois não achariam ninguém melhor que ele para o lugar:

[...] Não é por causa de uma miserável pasta que estou aborrecido [...] Pastas não valem nada. Quem sabe trabalhar e tem talento pode zombar das pastas, e mostrar que é superior a elas. A maior parte dessa gente, Nana, não me chega aos calcanhares. Disso estou certo e eles também. Súcia de intrigantes! Onde acharão mais sinceridade, mais fidelidade, mais ardor para a luta? Quem trabalhou mais na imprensa, no tempo do ostracismo? Desculpam-se; dizem que os gabinetes já vêm organizados de São Cristóvão... [...] (ASSIS, 2009, p. 271).

Ele se perguntava para que valia tanto esforço, tanto trabalho e tanta dedicação; passando longas horas em seu gabinete, às vezes até de madrugada: “[...] Não se dirá que este gabinete é de homem vadio; aqui trabalha-se. Você é testemunha que eu trabalho. Tudo para quê?” (ASSIS, 2009, p. 272). No dia seguinte, Teófilo recebe uma carta do presidente do conselho pedindo que vá falar com ele. O presidente lhe convidou para assumir uma

presidência de primeira ordem: “[...] Não podendo meter-me no gabinete, onde, tinha lugar marcado, desejava, queria e pedia que eu partilhasse a responsabilidade política e administrativa do governo, assumindo uma presidência. [...]” (ASSIS, 2009, p. 275). A mulher concordou que ele não poderia ter deixado de aceitar o convite e resolveu ficar com os filhos esses quatro ou cinco meses, como o marido lhe propôs. Alguns dias depois, Teófilo foi logo cedo se despedir do gabinete de trabalho e fez muitas recomendações à mulher, em seguida deu-lhe um beijo e partiu.

Certo dia, Rubião encontra o major Siqueira e fica sabendo que ele se mudou novamente, agora mora nos Cajueiros, Rua da Princesa. Vai com o Major até a casa dele e encontra D. Tonica, felicíssima porque vai se casar; na saída conhece o noivo. Enquanto isso, Palha e Sofia estão ocupados com a reconstrução de um palacete em Botafogo, que está quase concluída: “[...] eles queriam inaugurar, no inverno, quando as câmaras trabalhassem, e toda a gente houvesse descido de Petrópolis.” (ASSIS, 2009, p. 286). Ou seja, o casal queria fazer a grande inauguração do palacete quando todas as pessoas importantes pudessem estar presentes, para aparecer mais.

Nesse tempo, Palha cumpre a promessa feita a D. Fernanda e manda internar Rubião em uma casa de saúde, Quincas Borba tenta ir atrás do amigo, mas é impedido pelo criado. Rubião, então, pede que lhe mandem o seu amigo Quincas Borba; D. Fernanda, após obter autorização do diretor, vai convidar Sofia para irem até a casa de Rubião ver o cachorro. Ao chegarem a casa, D. Fernanda, vendo a situação de abandono em que se encontrava, pergunta a Sofia se Rubião tinha sido muito rico, ao que a outra responde: “– Tinha alguma coisa [...] quando chegou de Minas, mas parece que estragou tudo.” (ASSIS, 2009, p. 288). Vemos como Sofia se faz de desentendida ao dizer *parece*, tirando, assim, toda a responsabilidade dela e do marido pela situação em que se encontrava Rubião.

Enquanto D. Fernanda se mostrava interessada pela situação deplorável daquela casa, mandando o criado abrir as janelas, pois tudo cheirava a mofo, comovida com a situação daquele homem que ela mal conhecia: “E ia ficando e olhando, sem pensar, sem deduzir, metida em si mesma, dolente e muda.” (ASSIS, 2009, p. 288), Sofia não suportava estar naquele lugar imundo: “[...] estava morta por fugir ‘daquela imundice’ [...]” (ASSIS, 2009, p. 288) e não se comovia com aquela situação de abandono, nem com a situação do pobre Rubião: “A trivialidade daquilo tudo não lhe dizia nada ao espírito nem ao coração; a lembrança do alienado não a ajudava a suportar o tempo.” (ASSIS, 2009, p. 288). No entanto, Sofia não demonstrava o seu descontentamento, a sua repulsa, concordando com a solidária D. Fernanda em todas as suas observações, pois não podia desagradar a outra.

D. Fernanda, então, pediu ao criado para trazer Quincas Borba, este veio, magro e abatido. Essa bondosa senhora começou a coçar a cabeça do animal, quando parou, o cão continuou olhando para ela, e ela para ele:

[...] tão fixos e tão profundos, que pareciam penetrar no íntimo um do outro. A simpatia universal, que era a alma desta senhora, esquecia toda a consideração humana diante daquela miséria obscura e prosaica, e estendia ao animal uma parte de si mesma, que o envolvia, que o fascinava, que o atava aos pés dela. Assim, a pena que lhe dava o delírio do senhor dava-lhe agora o próprio cão, como se ambos representassem a mesma espécie. E, sentindo que a sua presença levava ao animal uma sensação boa, não queria privá-lo do benefício. (ASSIS, 2009, p. 289 – 290).

Finalmente, D. Fernanda deu algum dinheiro ao criado para levar Quincas Borba para o dono, recomendando que tivesse muito cuidado com o animal, com o que Sofia concordou. Esta, ao saírem da casa, teve o cuidado de primeiro verificar se não estava passando alguém, e só saiu à rua depois de ver que ela estava deserta, pois Sofia não poderia ser vista naquela casa miserável. Somente após se livrar daquele lugar, Sofia recuperou seu comportamento habitual: “Ao ver-se livre da pocilga, Sofia readquiriu o uso das boas palavras, a arte maviosa e delicada de captar os outros, e enfiou amorosamente o braço no de Dona Fernanda.” (ASSIS, 2009, p. 290). Então ela passou rapidamente a uma situação oposta àquela de miséria: convidou D. Fernanda para irem ver as obras do palacete de Botafogo.

4 TERCEIRO ENDEREÇO: BOTAFOGO

Passaram-se alguns meses, então chegou o tão esperado dia: o baile de inauguração dos salões de Botafogo, “[...] que foi o mais célebre do tempo.” (ASSIS, 2009, p. 291). Mais uma mudança de endereço, mais um degrau galgado; finalmente Palha e Sofia tinham conseguido o que tanto esperavam, e podiam mostrar para todos: “São eles os ganhadores no jogo de subir na vida, naquela trajetória que gera o que se chama hoje em dia de ‘emergentes’.” (FISCHER, f. 10). Sofia estava deslumbrante, exibia suas ricas jóias, sendo que o colar tinha sido presente do Rubião, esse era o símbolo de que ele estava patrocinando todo aquele luxo. Todos na festa notavam as qualidades da bela dama: “Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta; alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda adoração que ela tinha ao marido.” (ASSIS, 2009, p. 291 – 292).

Por esses dias, D. Fernanda e o marido ficaram sabendo que Rubião havia fugido da casa de saúde, ela ficou desconsolada, ainda mais que o diretor tinha garantido que mais dois meses e o doente estaria completamente recuperado. Não conseguiram encontrá-lo, pois ele foi parar em Barbacena com o cão, Quincas Borba. A cidade estava deserta, começou uma tempestade, e os dois ficaram vagando pela cidade. Finalmente adormeceram, acordaram no dia seguinte, já sem chuva, e foram acolhidos por uma comadre. Passados alguns minutos, ela percebeu que Rubião falava coisas sem sentido, resolveu avisar a vizinha, e logo vieram vários curiosos, que ficaram sabendo que Rubião tinha enlouquecido. Mandaram chamar o médico, pois ele tinha febre. Alguns dias depois ele morreu, Quincas Borba fugiu procurando o dono e foi encontrado morto três dias depois.

Durante o pouco tempo em que esteve em Barbacena, Rubião repetia a frase *ao vencedor as batatas*, mesmo sem se lembrar o que significava, e foram as suas últimas palavras antes de morrer:

No fim, pobre e louco, ele morre abandonado; mas em compensação, como queria a filosofia do Humanitismo, Palha e Sofia estão ricos e considerados, dentro da mais perfeita normalidade social. Os fracos e os puros foram sutilmente manipulados como coisas e em seguida são postos de lado pelo próprio mecanismo da narrativa, que os cospe de certo modo e se concentra nos triunfadores [...]. (CANDIDO, 1995, p. 35).

Ou seja, mesmo sem saber o que dizia, Rubião falava a coisa certa, pois ele era o perdedor, e Sofia e Palha os vencedores, que ficaram com as batatas. Essa era a filosofia do Humanitismo¹, ensinada pelo seu amigo Quincas Borba, aquele que lhe deixou a herança, e que Rubião não soube defender dos terríveis predadores, o casal Palha: “[...] a riqueza vai ser também a condenação de Rubião, que será explorado e enganado por uns e outros até endoidecer e retornar à pobreza.” (ARAÚJO, f. 2).

¹ A frase da página anterior, “ao vencedor as batatas”, foi dita por Rubião a partir da frase citada por seu amigo Quincas Borba, “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.” (ASSIS, 2009, p. 59), ao explicar a Rubião a filosofia do Humanitismo (p. 56 – 59), filosofia criada por ele para mostrar a luta pela sobrevivência, onde o mais forte sobrevive. Segundo Gledson (1986), essa filosofia foi criada por Machado para satirizar as tendências deterministas presentes nas teorias da segunda metade do século XIX, como o Positivismo, o Darwinismo social e o Naturalismo.

5 CONCLUSÃO

A partir dessa análise da vida social de Palha e Sofia em cada um dos lugares em que eles moraram, chegando finalmente ao tão sonhado endereço, a Praia de Botafogo, vimos que eles souberam se comportar adequadamente em cada um dos degraus em que estiveram.

No primeiro endereço, Santa Tereza, Palha começou a botar em ação seu plano de se apoderar da fortuna de Rubião, convidando-o a ir até sua casa. Sofia também começou a seduzir Rubião, mas só mais para o fim do capítulo é que se tornou totalmente consciente dos planos do marido. O casal gostava de dar festas, ir a bailes e ao teatro. Palha fazia isso para se mostrarem para a sociedade e também para exibir a mulher, que gostava de ser admirada.

Nesse momento, alguns amigos do casal foram apresentados: o major Siqueira e a filha D. Tonica, a tia Maria Augusta e sua filha Maria Benedita, Carlos Maria e alguns casais que não foram nomeados.

Quando se mudaram para o novo endereço, o Flamengo, continuaram as festas, e as badalações sociais aumentaram, sendo que Rubião ia a esses lugares sempre junto ao casal, mas para ficar perto de Sofia. Palha e Rubião, agora, eram sócios; além disso, Palha controlava todos os negócios de Rubião. Sofia havia fundado a Comissão de Alagoas e, com isso aumentado as suas amizades com pessoas influentes na sociedade.

Os amigos do casal agora eram pessoas importantes: além de Carlos Maria e Maria Benedita, que iriam se casar; D. Fernanda e o marido, Teófilo; outras senhoras da Comissão; comerciantes; políticos; desembargadores e altos funcionários de bancos.

As antigas relações haviam sido cortadas, inclusive as familiares, e Rubião já estava sendo deixado de lado: Sofia o tratava com frieza, e Palha falou em encerrarem a sociedade, pois ele não traria mais nenhum benefício ao casal. Quase no final desse capítulo, Rubião, que já havia ido para uma casinha medíocre, foi internado em uma casa de saúde.

Finalmente, no último endereço, Botafogo, o casal atingiu o auge da escala social, com um notável baile de inauguração, onde Sofia foi muito admirada por todos os presentes. Finalmente a glória do casal. Enquanto isso, Rubião morria, louco, em Barbacena. A teoria de seu amigo Quincas Borba foi confirmada: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.” (ASSIS, 2009, p. 59).

Vimos que enquanto Sofia distraía Rubião, Palha ia dando um jeito de capturar o seu dinheiro. Enquanto isso, freqüentavam lugares importantes e aumentavam o círculo de

amizades, ao mesmo tempo em que iam descartando as não mais aproveitáveis. Ou seja, souberam como se comportar, foram astutos e hábeis. Venceram e ficaram com as batatas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Homero José Vizeu. *A propósito de Quincas Borba ou A trajetória de um rematado imbecil do súbito enriquecimento até a irremediável insânia e extinção, passando pela paulatina dilapidação do patrimônio e contínua humilhação sentimental*. 18 f. Disponível em: <<http://surdina.com>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. 304 p.: il.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39.

FISCHER, Luís Augusto. *Quincas Borba*. 16 f. Disponível em: <<http://surdina.com>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

GLEDSOON, John. *Quincas Borba*. In: _____. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986. p. 58-113.

VIANNA, Carla. O Mundo Cão Tupiniquim. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. p. 299-303.